



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V

Florianópolis, Junho de 1947

N. 4

O Construtor

Virtude: Zêlo pelas almas.

Vício oposto: Preguiça, desinteresse.

O Construtor: "Divino Coração de Jesus, convertei os pecadores, salvai os moribundos, livrai as benditas almas do Purgatório". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Sagrado Coração de Jesus, venha a nós o vosso reino".

Método: Começa o dia com atos de zêlo. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: Deus criou-nos e nos conserva na existência. Não passa momento em que não pensa em cada um de nós. Os seus pensamentos em nós são manifestações de amor. Ele quer a nossa felicidade. Quer que todos nós nos salvemos para a eterna bemaventurança. Por isso, Jesus Cristo sacrificou sua vida. Por isso, fundou Sua Igreja, depositária das verdades eternas e dos grandes meios de salvação, os ss. sacramentos. Por isso, mandou seus Apóstolos para pregar a palavra da salvação a todos os povos. Tu também és chamado como auxiliar dos Apóstolos e dos seus sucessores — Papa e Bispos — a cooperar na Messe do Senhor. O Construtor ensina-te a implorar a graça de salvação em favor dos transviados, dos moribundos e das almas que sofrem no purgatório. O Ajudante desperta teu zêlo pela visão do reino da paz e da felicidade eternas.

A fala do trono do Rei: Cristo Rei proclama o seu plano de governo. Minha vontade é conquistar todo o mundo e todos os meus inimigos e assim entrar na glória de meu Pai". — Esta vontade é firme e imutável. É a vontade do Filho de Deus. É a mesma vontade todo poderosa que criou os mundos. É ainda a vontade que te convida a cooperares, sem, entretanto, forçar a tua livre vontade, dom que te distingue de todas as outras criaturas. — Os planos de conquista de Jesus não conhecem limites. Ele quer conquistar todo o mundo. Quer conquistar por meio de sua infinita bondade e beleza. Quer ser ajudado nesta conquista por tuas orações, por teus exemplos de vida cristã. — Até seus inimigos sentirão seu poder. Estes

LIVROS

Catolicismo, Revolução e Reação, por J. Fernando Carneiro; Livraria AGR Editora, (Rio de Janeiro), 1947. — Livro corajoso, livro audacioso, livro de um rebelde. O autor revolta-se contra a mediocridade, contra o egoísmo e o individualismo, contra a mesquinhez no trato com Deus e com os homens. Usa palavras ousadas. Mas encontra-se em boa companhia, pois repete sentenças dos Papas e dos Santos, do Episcopado português. E a facilidade com que emprega as provas irrefutáveis, as palavras de Cristo Nosso Senhor, revelam-nos no autor um católico que medita e trata de viver o Evangelho. Por isto é filho dedicado da Igreja. Por isto revolta-se contra as injustiças cometidas contra esta Igreja pelos seus irmãos, filhos da mesma santa Mãe, filhos que irrefletida ou deliberadamente

inimigos são os anjos apóstatas que andam pelo mundo para a perdição das almas. São os homens que, deliberadamente, procuram afastar de Jesus as almas por Ele remidas. — A recompensa pela luta e pela vitória é a entrada triunfante na glória do Pai. Jesus já entrou na glória. Lá Ele nos espera a nós e a muitos salvos por nossas orações e exemplos de virtude. Lá Ele nos espera para coroar-nos depois das lutas renhidas desta vida mortal. — Para Sua conquista forma Cristo um exército. Não um exército de mercenários, mas de homens livres, de almas generosas, almas que saibam vencer o egoísmo, o individualismo, a preguiça espiritual, almas que vivamente se interessem pela salvação do próximo, almas que saibam conculcar aos pés os seus interesses mesquinhos, para abraçar a grande causa de Cristo e das almas. Daí a prece destes lutadores: "Divino Coração de Jesus, convertei os pecadores, salvai os moribundos, livrai as benditas almas do Purgatório". Daí o ardente desejo: "Sagrado Coração de Jesus, venha a nós o vosso reino!"

Tua Resposta. Pode ser uma só. No lugar em que te colocou a Divina Providência empregarás todas as tuas forças para cooperar na salvação das almas imortais. É a alternativa da felicidade eterna ou da desgraça sem fim. O demônio com seus auxiliares — que são legiões — faz tudo para perder as almas. Mas nosso Chefe é mais poderoso, é a suma sabedoria, é a bondade infinita. Cónscios de nossa própria fraqueza, pomos n'Ele nossa confiança sem limites.

Charles A. Imbs, S. J.

mancham a veste nupcial da Espôsa de Cristo. Por isto defende, apesar de inevitáveis fraquezas humanas, aqueles que, inflamados pelo mesmo amor a Cristo e à Igreja, atacam as misérias manifestas no elemento humano da Igreja. Entretanto, não é cego pelo que dizem e fazem seus companheiros d'arma. De Bernanos, p. ex., diz: "Seus defeitos como suas qualidades são flagrantes". Contudo, chama-o "um cavalheiro cristão". Esta compreensão magnânima, esta largueza de espírito hauriu-as o autor nas páginas do Novo Testamento. Estas qualidades resplandecem também na sua política imigratória. — O que dissemos sobre o amor de J. Fernando Carneiro à Igreja, podemos repeti-lo com referência ao Brasil. É o mesmo desejo de ver brilhar sua pátria, não só sua natureza incomparável, mas seus habitantes. Por isto suas comparações de sua terra com a Inglaterra. Por isto suas reflexões sarcásticas sobre os "8.500.000 kmq" e a "Guanabara". Carneiro quer ver a verdade triunfante também nas letras. Foi o que lhe inspirou os "Comentários à margem de um grande livro". — Decididamente, o presente volume vale ser lido e meditado pelos católicos brasileiros. — Sec.: C.

Carsten, o Curador, por Theodor Storm; Livraria Martins, São Paulo, s. d. — Em 1913, com o 30º aniversário da morte de Storm, extinguiram-se todos os direitos editoriais sobre a obra de Storm. Um sem número de casas editoras da Alemanha organizaram então, edições completas dos livros do afamado escritor nortista. E mais uma vez, uma vasta comunidade de leitores apreciava a rica bagagem literária de um autor por todos os títulos simpático. Agora, publicou a Livraria Martins sob o título "Carsten, o Curador", três novelas de Storm. Todas as três são novelas sociais. A primeira conta-nos como Carsten, homem honrado, casou com uma mulher bela, mas sem consciência nem coração e como Carsten expiou tal passo inconsiderado. — Em "Immensee" apresenta o autor a tragédia de dois jovens que se amavam. Na ausência de Reinhard, persuadiu a mãe de Elisabeth a esta que se casasse com Érico. Anos mais tarde, Reinhard visita o casal na fazenda Immensee e verifica que sua antiga namorada não esqueceu seu primeiro amor. Faz a única coisa que um cristão pode fazer em tais circunstâncias: sai da casa imediatamente para nunca mais voltar. — "Paulo, o Titeriteiro" é o homem verdadeiramente corajo-

E' Bom Saber...

— Segundo a mensagem do sr. presidente da República ao poder Legislativo (15-3-1947) as unidades escolares no Brasil vem gradualmente diminuindo. Em 1942, contavam-se 43.975 escolas primárias. No último quinquênio houve uma redução de 3.740 unidades. Em 1941, atingira a matrícula de alunos do curso primário o número de 3.347.642. Em 1945, houve 52.351 matrículas a menos. Aspecto mais alarmante oferecem ainda os números de frequência e de aprovação nos exames de promoções. Para os mais de 260.000 alunos do curso secundário há apenas 1.183 escolas secundárias, "em geral, deficientemente instaladas e mal aparelhadas". ("Formação" — Rio de Janeiro).

— Na Espanha, o P. Eduardo Vitória recebeu, por seus relevantes méritos científicos, a Grã Cruz de Alfonso X, el Sábio. De seu Manual de Química Moderna publicaram-se 100.000 exemplares em 13 edições.

— Em Belleville, Illinois, U. S. A., realizam-se cursos de aviação para missionários. Na primeira promoção a pilotos diplomados havia 30 sacerdotes entre jesuítas, beneditinos, padres brancos, oblatos, vicentinos, padres do Verbo Divino, dos Sagrados Corações e redentoristas.

— O inglês P. John Ryders, S. J., que, há doze anos, passou para o rito eslavo-bizantino, assegura que são mais de 100 os sacerdotes preparados como ele para entrar na Rússia logo que haja possibilidade.

— Sua Majestade Britânica condecorou o Capelão Militar P. Guy Laramée, S. J., antes de promovê-lo ao posto de Tenente-Coronel. A citação que o proclamava membro da Ordem do Império Britânico, realça suas excelentes qualidades, sua audácia e sua eficiente atividade entre as forças canadenses. ("De Nuestra Vida" — Lima).

BENFEITOR DE "O MARIANO"

Agradecemos penhoradamente aos srs. Acelon D. de Sousa e Alexandre Evangelista os donativos de Cr\$ 200,00 e Cr\$ 20,00 respectivamente.

so que não se importa com preconceitos e a opinião pública desde que suas ações se coadunam com os ditames da consciência, encontrando desta forma a felicidade. — Sec.: C.

MARIANOS CÉLEBRES

4. Um Pintor.

Num registro de 1610-1656 da "Sodalite Latine Majeure", conservado no Colégio de Nossa Senhora em Antuérpia, encontramos entre os consultores dessa C. M. para 1625 um Dr. Pedro Paulo Rubens, e em 1629 o mesmo Dr. P. P. Rubens está registrado como secretário.

Quem foi este oficial da C. M.?

Foi um dos maiores gênios da arte e — o que é menos conhecido — um hábil diplomata.

A família deste Congregado era originária de Antuérpia. Tinha-se, porém, expatriado por motivos religiosos. Assim nasceu Pedro Paulo Rubens em Siegen (Westfália), aos 29 de junho de 1577. Fez seus estudos numa escola dirigida por Rombout-Verdouck e no Colégio dos jesuitas de Colônia. Depois da morte do pai, a família voltou para Antuérpia.

Conhecedor de várias linguas, devia Rubens, segundo a vontade da mãe, encaminhar-se para a magistratura. Mas o jovem já tinha descoberto seus dotes para a arte e, tendo um caráter independente, não sympathizava com as perspectivas que lhe ofereciam as repartições públicas.

Declarou, portanto, a sua mãe que queria ser pintor, e um conselho de família aprovou tal resolução.

Rubens estudou sob a direção de vários mestres célebres. Em 1600 foi para a Itália, onde o duque de Mântua, Vicente de Gonzaga, lhe deu emprêgo. Vicente aproveitou a profissão de Rubens para uma missão diplomática na corte de Espanha. Existem ainda obras do grande mestre daquela época, obras que provam que também o gênio não alcança nada sem aplicação perseverante. A série dos Apóstolos, pintada nos primeiros anos de sua estadia na Itália, é uma obra de valor mediocre. Mas já em 1604 apresenta três grandes pinturas que falam do labor incansável do grande mestre.

De volta a Flandres, casa-se Rubens com Isabel Brant. Começa agora o período mais fecundo de sua vida de artista. A segunda importante missão diplomática, que lhe trouxe por parte de Carlos I da Inglaterra, a elevação a Cavaleiro da Ordem da Espora de Ouro, não prejudicou os altos vãos de seu gênio.

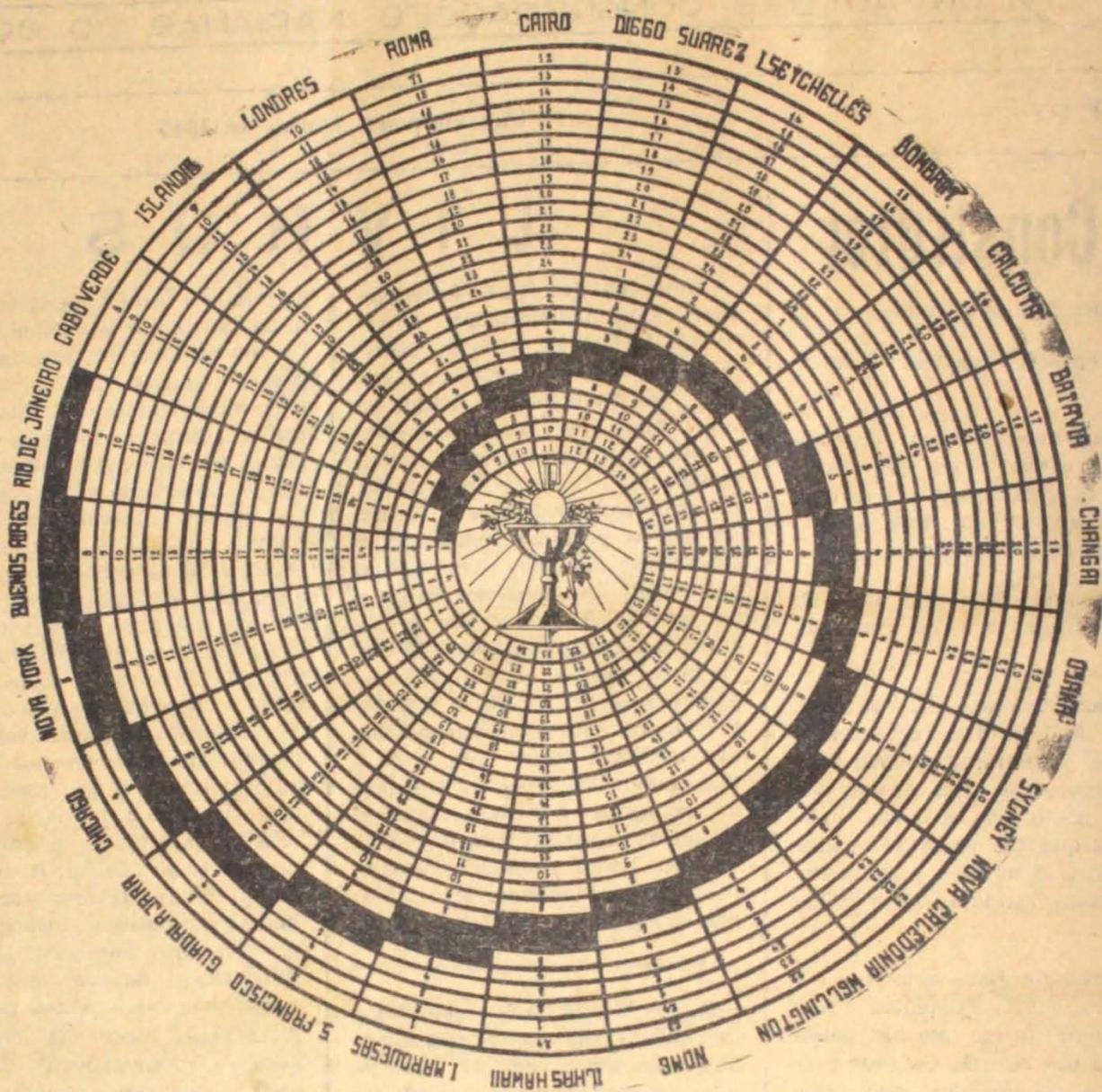
Não é aqui o lugar de enumerar a enorme lista das obras de Rubens nem de fazer-lhe a crítica. Muitos censuraram as concessões que o mestre fez ao gosto da época ou dos que encomendaram pinturas.

O que nos interessa é o testemunho que um dos seus críticos mais acerbos, o autor da monumental História dos Papas, Ludwig Barão von Pastor, depõe sobre a pessoa de Pedro Paulo Rubens. "Rubens", diz ele, "foi católico convicto e prático. Todos os dias assistiu à sta. Missa, antes de ir ao trabalho. Sua vida privada foi exemplar".

E esta profunda religiosidade teve sua expressão na escolha dos objetos de suas pinturas. Quantas vezes representou a morte de Jesus! E seu "Triunfo da Eucari-

RELÓGIO EUCARÍSTICO

"Desde o nascer do sol até ao poente, o meu nome é grande entre as nações, e em todo o lugar se sacrifica e se oferece ao meu nome uma oblação pura." (Mal. I, 11)



O SACRIFÍCIO PERPÉTUO

Cada um dos círculos concêntricos indica a hora nas várias partes do mundo, tendo por base o meridiano normal de Greenwich. Assim, quando são 7 horas no Rio de Janeiro, são 11 horas em Roma. Os espaços pretos representam as horas 6 e 7 da manhã, hora usual para a celebração da Sta. Missa. Para achar onde, em qualquer hora, se celebra a Sta. Missa, procure esta hora no círculo que corresponde à hora do meridiano de seu lugar. Siga, então, este círculo até que chegue a dois espaços pretos. Sendo, p. ex., meia-noite em Londres, a Sta. Missa é rezada em Calcutá e na Botávia.

ESCOLA DE GUERRA (XV)

Título Sexto: Dos Deveres Comuns a Todos os Congregados

32. "Ainda que as regras da Congregação por si não obrigam sob pecado, nem mortal nem venial, deixando a cada matéria o grau de obrigação que tem por lei divina ou eclesiástica; (1) contudo, devem os Congregados tê-las em grande estima e esforçar-se por cumpri-las com exatíssima fidelidade, porque voluntariamente (2) as aceitaram no dia da entrada na Congregação e porque nelas se encontram os meios necessários e eficazes para alcançar-se o fim da Congregação". (3).

Comentários: (1) Isto quer dizer:

ristia" é o fruto sazonado da participação cotidiana no santo sacrificio da Missa. Seu tributo de Congregado, pagou-o com um belo quadro para a capela de sua C. M. Aos 30 de Maio de 1640 morreu o mestre flamengo. Sua esposa mandou construir uma capela lateral na igreja de São Tiago. Ai repousam os restos mortais do grande filho de Maria.

faltar contra uma regra da C. M. por si não constitue pecado, a não ser que a falta contra tal regra inclua ao mesmo tempo uma falta contra um dos Dez Mandamentos da Lei de Deus ou da Igreja. Uma falta deliberada contra uma regra talvez seja uma imperfeição cuja consequência pode ser um enfraquecimento da vontade para o bem e a perda de uma graça especial para evitar o mal ou praticar a virtude. O Congregado legitimo não fará, portanto, pouco caso da observância das regras, exatamente porque está resolvido a aproveitar todos os meios para se santificar. — (2) Por vontade própria o católico entra na C. M. É, portanto, uma questão de honra cumprir o compromisso assumido "voluntariamente". Diante do altar, aos pés da imagem de Maria, em presença de toda a C. M. manifestou, por ocasião de sua admissão, a sua vontade deliberada de conformar-se com as regras e deu sua palavra de honra de observá-las sempre. — (3) Quem entra na C. M. deve ter a firme vontade de aperfeiçoar sua vida de cristão, de cooperar na salvação do próximo e de empenhar todas as suas forças

NO QUARTEL

Um soldado ébrio que estava brigando com seu cabo, finalizou a questão dizendo ao adversário:

— Cala-te, tu não és homem.

— Eu te provarei o contrário, replicou o cabo.

— Nunca, foi a resposta do soldado. Nunca. Escuta o major: quando êle comanda a guarda, de manhã na parada, não diz êle sempre "Para tal e tal posto, quatro homens e um cabo?" Bem vêes que os cabos não são homens. (Aujourd'hui — Montreal).

na defesa da Igreja Católica. Ora, as regras da C. M. indicam-lhe os meios para realizar este fim triplice. Por isto elas receberam reiteradamente a aprovação dos Sumos Pontífices, representantes do Redentor e mestres máximos da vida cristã. Além de que, o bom sucesso da C. M. como grupo organizado depende da uniformidade de procedimento de seus membros. Acresce que milhares e milhares de Congregados alcançaram as alturas da perfeição cristã e até, muitos deles, a honra dos altares pela fiel observância das regras.

(Continuação)

CRISTO INSTITUIU A CONFISSÃO

Como este livrinho se dirige a católicos, não será necessário provar longamente que Cristo instituiu a confissão.

Deveríamos quase esperar que Ele o fizesse, já que conhece a universalidade do pecado e a necessidade constante do homem de lhe serem perdoados os pecados.

Os passos pelos quais Ele instituiu o sacramento da penitência, são, entretanto, notavelmente claros.

Quando o paralítico descido pelo tecto, jazia na Sua presença, Cristo disse-lhe simplesmente: "Filho, teus pecados te são perdoados".

Os que se achavam ao redor, eram tipicamente protestantes. Protestavam: "Qual é o homem sobre a Terra que pode perdoar os pecados?" Cristo, o Homem-Deus. Para provar que Ele tinha o poder de perdoar pecados, deu-lhes um sinal: Se Ele restituísse a saúde perfeita ao homem, eles acreditariam que Ele tinha também o poder de perdoar pecados? Porque, certamente, restituir a saúde ao corpo era quase tão admirável como restituir a saúde à alma.

Caladamente respondeu à dúvida deles com a prova:

"Mas para que saibais que o filho do homem tem poder sobre a Terra de perdoar pecados, eu te digo (ao doente): "Levanta-te, pega na tua cama e vai para tua casa".

Com isto, o homem levantou-se e dali saiu um homem são. Cristo provava seu poder de perdoar pecados.

Este poder de perdoar pecados, Cristo passou-o depois para os seus discípulos como um dos mais importantes direitos:

"Reseei o Espírito Santo. A quem vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; a quem vós retiverdes os pecados, ser-lhes-ão retidos".

Deste modo, o poder de perdoar pecados e — por razões especiais — de os não perdoar foi dado directamente por Cristo aos Seus discípulos que, por sua vez, passaram tal poder aos seus sucessores.

Agora, este é um dos poderes de cuja posse a Igreja nunca por um momento sequer duvidou e nunca por um momento sequer deixou de usar. Através da história, a Igreja constantemente perdoou pecados e, onde a pessoa claramente mostrava que não merecia perdão, ela declinava de perdoar.

Se, hoje, a Igreja afirma possuir este poder e o usa, ela não faz mais do que fez Cristo, o que Cristo mandou fazer aos Seus discípulos, e o que a Igreja sempre tem feito.

MUITO RAZOAVEL

Ao dar este poder aos homens, Cristo agiu muito sábiamente.

Nós, seres humanos vamos a um médico para a cura de nosso corpo. E Cristo deu-nos médicos para as nossas almas.

Os pecadores têm uma apreensão muito clara do horror de seus pecados. Sabem o que significa pecar. Sentem o agudo remorso depois do pecado. Temem as terríveis consequências destes pecados agora e para o futuro. Eles desejam uma segurança palpável do perdão.

Tal segurança lhes vem claramente da boca de seus sacerdotes. Apontados por Deus e dotados de um poder divino, os sacerdotes dizem aos pecadores: "Eu te absolvo de teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Vai em paz".

Entra no ouvido humano e de lá no humano coração a positiva afirmação do perdão: Isto não é voz silenciosa de Deus; é a voz audível de Seu representante humano.

O pecador levanta-se feliz e seguro. O próprio embaixador de Deus disse-lhe que está perdoado. Ele está em paz quando sai do confessional; está certo que de novo é amigo de Deus, um herdeiro do céu.

Cristo não poderia ter elaborado um modo mais belo para dar a homens perturbados pela consciência de seus pecados, a paz e o conforto de saber que esses pecados foram lavados da alma.

sa, ele conta a um representante de Deus as cousas que incomodavam e torturavam sua alma mergulhada em remorso e arrependimento; ele passa pelo mui humano alívio de contar suas dificuldades a uma outra pessoa. Mesmo psicologicamente é isto uma grande bênção. Cristo, como se vê, antecipou-se aos psicólogos por longos séculos. A confissão devia ser um meio de curar as feridas causadas pelo pecado. Mas devia ser também a doce oportunidade de expor a um humano representante de Deus os nossos problemas e as dobras em nosso carácter produzidas pelo pecado.

Quantas Vezes?

Com que frequência deveríamos confessar-nos?

Sem dúvida, todos deveriam confessar-se o mais cedo possível depois de um pecado mortal.

Estritamente falando, ninguém jamais está obrigado sob pecado de se confessar se não houver falta mortal na sua vida. Mas além da obrigação, há a graça do sacramento; e mesmo quando alguém não cometeu pecado mortal, esta graça é preciosíssima e importantíssima.

Agora que a Comunhão frequen-

te, que tenta decidir a sua vocação, que sofre de dificuldades na fé, que se vê em frente de dificuldades no lar ou no lugar de trabalho, ou que seriamente deseja sua santificação própria, quando escolhe um confessor estável.

Em breve o confessor saberá como tratar com esta pessoa, como um médico o sabe a respeito de um paciente que sempre recorre a ele. O católico com um confessor estável ao qual ele se explica e do qual pede e aceita conselhos, está bem encaminhado na estrada para a felicidade, o sucesso e o céu.

Vantagens da Confissão

Você tem o direito de esperar o seguinte da confissão:

1. Perdão dos pecados. Este é o objectivo essencial da confissão, mas somente um dos objectivos.

2. Ajuda para vencer as dificuldades quaisquer que sejam. O confessor é um sábio guia e diretor. Ele espera seja-lhe permitido ajudá-lo com sua experiência profissional e com sua sabedoria.

3. Ajuda para planejar e levar adiante uma vida cheia e útil. O sacerdote não está interessado unicamente em perdoar pecadores; ele deseja ajudar as pessoas boas a se tornarem melhores e as melhores a se tornarem santas. Ele gosta de ajudar a mocidade em achar o trabalho de vida conveniente, e está feliz quando pode contribuir para que gente mais velha possa fazer mais perfeitamente a obra que Deus lhes deu para fazer. Ele é um mentor, um conselheiro experimentado. Ele gosta de ser chamado para ajudar.

Confissão Geral

A confissão geral é aquela que abrange um certo número de confissões passadas, repetindo matéria já confessada nestas confissões procedentes. Às vezes, a confissão geral consiste em contar de novo todos os pecados mortais da vida passada. Às vezes consiste na recapitulação dos pecados de um ano ou de um período maior. Muitas vezes, pessoas que fazem o retiro anual, fazem uma confissão geral de todo o ano passado.

Pessoas escrupulosas nunca deveriam fazer uma confissão geral, a não ser a conselho do confessor.

A confissão geral deve ser feita, quando uma das confissões anteriores foi mal feita e nunca endireitada.

O valor da confissão geral, mesmo quando todas as confissões precedentes foram boas e sinceras, é enorme. Por tal confissão o homem torna-se mais humilde. Põe em contraste a tremenda bondade de Deus com o número dos pecados próprios. É um meio de prevenir-se contra o pecado no futuro. Ajuda para fazer planos para o ano vindouro e dá determinação de evitar os pecados que mancharam ou estragaram o ano passado.

A confissão geral anual pode assim servir de índice do nosso progresso espiritual, mostrar se avançamos ou regressamos desde a última confissão geral e preparar-nos para um ano mais santo.

(Continúa)

TU E A CONFISSÃO

DANIEL A. LORD, S. J.

(TRADUÇÃO)

FREUD CONCORDA

Quando Freud começou de estudar a moderna nervosidade humana e os distúrbios e o caos das almas modernas, insistiu na importância de que o coração seja aliviado do peso de pecados e crimes passados, mesmo se um médico for o confidente. O paciente acharia alívio se contasse seus males e apresentasse franca e honestamente a um outro os vícios que perturbaram o seu passado.

Então Freud e seus sequazes descobriram que uma classe de pessoas eram os menos necessitados de tal alívio. Eram os católicos. Eles já tinham essa oportunidade de se livrar, providenciada para eles pelo Salvador, Jesus Cristo, quando instituiu o sacramento de penitência.

Bem obviamente, este alívio é de importância secundária; o perdão dos pecados e a restituição da graça santificante às almas é de importância primária.

Quando a vítima de um colapso nervoso conta ao médico suas dificuldades e pecados, tudo quanto o médico pode fazer é dar-lhe conselhos e tentar uma correção e cura a longo prazo. Quando um católico vai à confissão, sabe que será curado dos seus pecados. Ele será restituído à vida.

Além disto, porém, há um alívio consolador que vem com a confissão. Perdão é o objectivo principal. A remoção dos pecados é a grande finalidade do sacramento. Ora, quando um católico se confes-

sa, é a regra para quase todos que levam vida boa, dever-se-ia ir à confissão cada duas semanas mais ou menos, mesmo quando não houver pecado mortal a ser confessado.

As pessoas que tiverem hábitos pecaminosos aconselha-se de confessarem-se mais a miude para alcançarem a força própria do sacramento. Se alguém passar por um período de graves problemas ou tentações fortes — p. ex., na mocidade — a prática da confissão frequente é extremamente sábia.

Um Confessor Estável

Há pessoas que procuram o confessor que "tem menos gente à espera diante do confessional".

A pessoa avisada que, realmente, deseja tirar a maior vantagem da confissão, escolhe um confessor determinado. A este confessor procura sempre de novo.

Ela se dá a conhecer ao confessor. Isto não pelo nome. Antes se identifica. "Virei regularmente confessar-me com o senhor, Padre", diz. E se tiver qualquer problema que desejar tratar com o sacerdote, acrescenta: "Queria ouvir os seus conselhos a respeito de minha vocação", ou: "Ando com dificuldades a respeito da fé", ou ainda: "Espero que V. Revma. me ajude a vencer tal e tal tentação".

Quando uma pessoa tiver declarado o seu desejo de ajuda, conselho e direção, o confessor sentir-se-á com a maior vontade de fazer tudo o que estiver ao seu alcance.

Especialmente bem age o penitente que contraiu um hábito de

(CONTINUAÇÃO)

Justamente naquele momento, um som baixo e plangente, cheio de ameaças, feriu os ouvidos. O comandante dirigiu um olhar para leste. A nuvem, agora bem grossa, avançava rapidamente sobre as águas. Pelas bandas orientais uma larga montanha de ondas movia-se com grande velocidade em direção aos navegantes.

"Aqui, Manuel!" berrou o capitão, "Segura a barra do leme. Uma forte pancada de vento vem vindo. Alô aí, camarada", continuou, falando a um compatriota. "Vem depressa. Ajuda-me a arrear a vela. Então lançaremos a âncora — talvez".

O capitão, escolhendo seu caminho entre os vultos prostrados, estava por enrolar uma vela, quando a mulher caraiba, usando ainda o frango engaiolado como adorno de cabeça, se lhe atravessou no caminho.

"Aqui", disse ela no seu idioma nativo, "você compra esta 'galinha macho' por dez dólares".

"Oh, vá embora. Estou ocupado".

Mas ela não arredou pé.

"Tome-o por nove".

O capitão pôs-lhe a mão em cima com alguma rudeza, mas não sem bondade. Vidas poderiam depender do enrolar as velas. Pulou mastro acima, e como a mulher cambaleasse sob a pressão da mão dele, a preciosa cesta foi parar ao mar. Aguda, acima do estridente assobiar do vento, levantou-se a voz da mulher. Por alguns momentos continuou o duelo entre voz e vento, enquanto o capitão e seu amigo usavam os dedos das mãos e dos pés, num esforço selvagem de encolher todas as velas.

Enquanto isto, houve alguma comoção entre os passageiros. Dois homens pegaram a caraiba que fazia menção de atirar-se às águas revoltas, para salvar seu galo de rinha.

"Olhe, Carmelita", observou Manuel que parecia pouco impressionado com a tempestade. "Vê aquele menino caraiba?"

Seguindo a direção indicada pelo gesto de Manuel, Carmelita fixou o olhar numa cena que, muito comum nesta costa, teria provocado o mais vivo interesse em qualquer outra parte do mundo. Dobrando uma ponta, dançava nas águas uma minúscula canôa de não mais de quatro pés de comprimento. Erecto nela estava um menino de dez anos — um pequeno caraiba — manejando com extraordinária agilidade e perícia uma vara curta que, com um esforço extremo de imaginação, podia ser chamada remo. A canôa estava dançando fantásticamente. Como o guri conseguiu manter o equilíbrio ia além da imaginação de um caucasiano. O remo do maroto voava de um lado para o outro. Se falhasse uma batida, notou Manuel, o bote viraria. Subitamente, seu chapéu, uma coisa feita de palha, foi levado pelo vento. Felizmente, uma vaga pegou-o antes que pudesse afastar-se para longe. O guri saltou da canôa em busca do chapéu.

"Oh, Carmelita", exclamou Manuel, rindo. "O divertimento não vai faltar agora. Aposto dez con-

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

tra um como êle não conseguirá embarcar de novo".

A suposição de Manuel parecia baseada em sólidas razões. Quando o pequeno caraiba tentou meter-se no bote, este emborcou. Por alguns minutos o menino desapareceu. Depois emergiu e escanchou-se sobre a canôa virada. Parecia lutar com ela. Ela virou novamente e o guri tornava mergulhar na água. Levantou-se outra vez, e de novo a canôa virou. Agora tinha que nadar em perseguição do remo. Era um menino ativo. Nem um momento seu rosto, nos curtos segundos que era visível, revelava saber que acima dele se desencadeara uma tremenda tempestade e embaixo movia-se uma multidão de tubarões esfaimados. Êle simplesmente estava ocupado a seu contento. Quando conseguiu embarcar com o chapéu e o remo, cumprimentou com um sorriso gracioso a Manuel e Carmelita, os dois únicos passageiros do Honey Dew que pareciam interessados em sua exibição.

Mas seu sorriso teve um fim abrupto. Suas feições enrigeceram-se. Seus olhos brilhavam com excitação. Vigorosamente começou a remar em direção do barco maior.

Uma repentina pancada de vento agarrou o navio, apanhando a vela parcialmente colhida com tal violência que o Honey Dew adernou violentamente e todos os passageiros foram parar nas águas do revoltado Mar dos Caraibas.

II

Naturalmente, houve alguma comoção. Um homem, negociante dos "Estados" pedindo socorro em altos brados, levantou os braços e submergiu, enquanto as mais práticas caraibas simplesmente se agarravam ao casco do Honey Dew. Os caraibas, num nadar fácil, davam voltas, a ver se poderiam valer aos tolos que não sabiam nadar. O capitão, êste, fazendo uma cara como se tudo isto não lhe tocasse, tinha se empoleirado no extremo do mastro que formava uma paralela com a superfície do mar. Olhava em redor para verificar se todos os passageiros recebiam os cuidados que as circunstâncias reclamavam. Foi uma felicidade para o americano que o capitão estava perto dele quando foi ao fundo. Como comandante, sentiu que deveria abandonar o navio por último; como responsável por cada um dos passageiros, sabia que tinha que salvar o homem dos Estados Unidos. Havia para êle um modo de fazer as duas cousas. Agarrando-se com os dedos dos pés — se a expressão "dedos dos pés" tem sua justificação em qualquer parte do mundo, é entre os caraibas — numa corda, rapidamente deixou escorregar-se para a água, procurando com as mãos aqui e acolá por um even-

tual passageiro em desespero. A pesquisa teve sucesso rapidamente.

E, com os pés ainda colados no Honey Dew, o ágil capitão, sentindo os dedos dos pés doidos, colocou o homem meio afogado ao seu lado.

"Isto! Sim, senhor. Cuspa esta água. Não há perigo nenhum", gritou o dono daqueles "dedos maravilhosos". "Sofri vinte naufrágios, e nunca me afoguei".

O americano, bufando e cuspidando, depressa foi instalado confortavelmente. Sentado ao lado do grande caraiba, com toda solenidade emitiu a afirmação que aquilo era um país infernal. Claro, revestiu sua sentença com expressões muito mais fortes e idiomáticas.

Não prestando atenção alguma a êste comentário, o capitão destacou vários homens para que nadassem ao continente e escolhessem, entre os mangues, idílicos lugares para repousarem, o que êles fizeram alegremente.

"O barco", observou "assim embaraçado, não está em condições de cuidar bem de todos".

"Vamos afundar aqui?" berrou o americano.

"Não mais do que já estamos",olveu o capitão. "Não é tão profundo. Se pudermos endireitar o barco, tanto melhor. Senão, qualquer embarcação ocorrerá em nosso socorro em dez, doze, quinze horas..."

"Doze ou quinze horas!" gritou o horrorificado americano.

"Oh, sim. Muito pouco tempo. Talvez mais cedo".

E o comandante, sorrindo, voltou-se para a mulher caraiba, tão recentemente enviuvada pela morte do frango, e escutou pacientemente as queixas desta notável criatura que queria que êle fosse a nado em procura do seu tesouro perdido.

Mas o impaciente leitor estará ansioso por saber o que ficou do meninozinho do frágil barquinho. Quando o "Honey Dew" adernava, êle remou vigorosamente em seu auxílio. Suas grandiosas intenções, poucos segundos mais tarde, quase que foram frustradas, quando o bote pulou tão violentamente para um lado, que foi somente usando de todos os seus vinte dedos e de todos os recursos de um bem experimentado equilibrista, que êle não mergulhou nas águas revoltas. Uma vez seguro em sua firme posição, olhou para baixo e descobriu a causa dos distúrbios do equilíbrio. Era a mão forte de Manuel que segurava a borda do barquinho.

"Por que quer você entornar-me?" gritou o pequeno, com traços de aborrecimento na voz.

"Não quero entornar-te", replicou Manuel, um pouco esquentado. "Quero só..."

Nisto Manuel fez uma pausa

para tossir. Tinha engulido um pouco de água sem a devida consideração.

Enquanto o minúsculo caraiba, cuidadosamente compensando por movimentos adequados o mau equilíbrio de sua embarcação, esperava ouvir a desculpa que Manuel daria, mais uma vez teve de defender-se contra o perigo de que acabava de sair. Pois o barco de repente e violentamente adernou para o outro lado.

O caribazinho murmurou, em sua querida língua materna, algumas palavras que nem de longe se pareciam com uma prece, e dirigiu um olhar procurando a causa da nova oscilação. Outra mão segurava firmemente a borda do bote, uma mão mais delicada, mostrando um anel em cada dedo.

"Caramba!" exclamou Manuel, "se esta não é Carmelita!"

Carmelita, pronta com a limpeza de seus pulmões, disse:

"Não quero voltar ao 'Honey Dew'".

"Quanto a isto, nem eu quero", respondeu Manuel. "Fiz o que prometi ao Professor Stanton. É quanto basta. Diga lá, você e eu balançamos magnificamente êste botinho".

"Se eu for para casa, levarei uma surra. Não gosto de surras".

"E", retrucou Manuel, "meu pai me espancará — a mim que tenho dezessete anos. Isto me torna ridículo".

"Que é uma surra?" disse o caribazinho, com desdém. "Meu pai surra-me muitas vezes, e minha mãe mais ainda. Não me importo".

"Filho", sentenciou Manuel, "você não tem dignidade".

"Não",olveu o menino. "Não tenho nada senão meu bote e meu chapéu. Eu... muito pobre".

"Onde moras?"

"Naquele recife aí."

"Que distância?"

"Duas milhas".

"Dize, queres levar-nos?"

"Por quanto?" perguntou o menino.

"Hein?"

"Que me dará?"

"Oh! Quanto vale teu bote? Talvez eu o compre".

"Dez dólares".

"Queres dizer, cinco?"

"Santa Maria! Não; tome-o por nove".

"Dou-te cinco e meio".

Finalmente, o bote tornou-se propriedade de Manuel por seis dólares. O dinheiro devia ser pago quando alcançassem terra.

Em consideração a seu sexo, Carmelita foi convidada a remar. Afinal, havia muitos tubarões.

Carmelita, não se dando por achada, respondeu que nunca levava a sério os tubarões, que sabia muito pouco da arte de remar e que era uma nadadora perita. Assim as cousas se ajustaram de formas que, enquanto o comandante do "Honey Dew" dispunha tudo tão suavemente quanto possível afim de tirar as maiores vantagens da adversidade, o admirável trio, Carmelita e Manuel nadando, e o rapazinho remando rapidamente, movimentaram-se no "Spanish Main" (mar dos Caraibas), já agora tão calmo como se não conhecesse fenómeno chamado tempestade.

(Continua)